

Sem contar com aquelas palavras que são mágicas e com utilidade para abrir grutas onde se esconderam tesouros, ou tirar coelhos de cartolas, as palavras são poder indissociável do *mito* da criação, da religião, da história e da civilização – há um pouco de divino nas palavras dos Homens – no princípio era o verbo, só então, fez-se. Deus teve de dizer. Sem palavras não há explicação para o começo do que com palavras começou. Um começo que quisemos enquanto nos antípodas se desenhava, para esse começo, um fim, com as mesmas palavras do Homem.

E precisamos das palavras? Sempre? Porquê? Precisamos das palavras para viver ou pensar o que não vivemos, para definir o que queremos e o que nunca iremos querer. O Homem sem palavras é o Homem ninguém, fechado no infinito que ele próprio pôde encerrar. As palavras, sedimentam e *religam* Homens. Mas não só as palavras. O Homem que não quer palavras, está abaixo ou acima de Homem, é uma afirmação mas ao mesmo tempo uma pergunta, um desafio. As palavras permitem a racionalidade. O comportamento daquele que procura o que com palavras não consegue organizar – o Homem em fuga da rotina das palavras, é louco ou está sozinho a conquistar um espaço deserto. Roça o irracional. O Homem em fuga da rotina das palavras eleva-se sobre o banco contemplativo e quer ser da música um bocado. Ganha a eternidade, ao apagar o tempo na música, ao ser preenchido por esta e ligado a tudo e ao nada, até ao infinito do tempo e do espaço. A música não acaba e não terá de sentar-se, como é regra do jogo.

A música faz-se sem palavras e na sua perfeição é aspecto divino também, Vida e fonte de Vida, emanção divinal de perfeição e de liberdade. Não só para um dos deuses grego. Não carece de palavras; não divide como as palavras e sem nunca ter aparecido, impõe-se no momento e numa trepidação faz-se perceber. Universal, como nenhum livro, não sabe para que servem as traduções. Perfeita em si, senhora de si, a subjectividade da música não existe. Grande demais para a chamarmos produto do Homem. É descoberta do Homem, tal qual as árvores, o vento, a água... mais nada.

A epopeia da água, é canalizá-la e poupá-la, a das palavras, a metafísica. O Homem faz o que precisa para aproveitar a água, o vento, as palavras. A epopeia da música...

Os poemas que poderia fazer com o que sinto no brilho dos olhos verdes de uma rapariga linda, mas... deixemos os poemas para depois; quero apenas estar lá onde os possa sentir. Sentir o brilho que anuncia uma nova vida, um brilho de Natal – a melhor prenda de Natal é a oportunidade de lembrarmo-nos do anúncio da estrela, celebrar o

momento que é de vida nova, começo de um ciclo, com música e luz no lugar de palavras. Posso descobrir um mundo ao levantar-me do meu banco de jardim, com ou sem palavras. E não é que as possa dispensar mas que falta fazem as palavras e a glória a quem vive uma vida reconstruída a cada novo dia. E que falta fazem a uma pessoa que chega ao fim do dia e nem se lembra de ter querido palavras ou arrepende-se de ter pedido tantas.

Marco Binã, 21/12/2006